



arauto

1970

Abril-Maio

ANO XII

N.º 60

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: Dr. Tomaz da Rosa

Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores

J. Diogo, C. Moniz, J. Ferreira, M. Frayão e J. Pires

Chefe do Núcleo

COSTA RITA

Orientador

Dr. M. MADRUGA

Administrador

LUÍS ALBERTO FRAGA

TEATRO NO LICEU

Não há muitos dias que um grupo de alunos do Liceu Nacional da Horta levou a efeito uma Récita Vicentina.

Desta vez não ficámos de portas para dentro. Pico (Madalena e S. Roque) e S. Jorge também viram. Viram e gostaram.

Contudo, para que uma iniciativa deste género se tornasse realidade foram inúmeros os obstáculos vencidos. Muito tempo dispendido, trabalho, dinheiro.

Mesmo assim não há arrependimento. Os colaboradores de hoje estão prontos para amanhã. Todavia, melhor seria se os alunos do Liceu, sem excepção, se apercebessem da quase estagnação do Teatro no Faial, e lançassem mãos à obra, trabalhando para uma promoção cultural e artísti-

ca do meio que acabaria por redundar em benefício deles próprios.

Esperamos que isso venha a acontecer.

Agora uma última palavra deste algarviado para felicitar o Núcleo de Teatro do Liceu Nacional da Horta. Que a sua mensagem de cultura e arte, a sua afirmação de valor juvenil, se volte a repetir.

Está pois de parabéns o Núcleo de Teatro nas pessoas do seu orientador e colaboradores. Esta felicitação engloba, também, em agradecimentos a quantos, (não foram poucos) contribuíram, duma maneira ou doutra para esta afirmação de potencialidade do Liceu, verdadeira obra de promoção dum meio que muito carece de iniciativas do género.

Teatro e Educação

Numa época em que muitos se vão convencendo de que a cultura é essencial à promoção intelectual do homem, terá interesse pensar no Teatro, no seu valor e no poder dessa Arte na Educação, embora se tenha chegado a admitir algumas vezes que no Teatro só poderíamos procurar e encontrar motivo para nos distrairmos na medida em que, no mesmo, o essencial consistiria em focar factos fora do comum da vida.

É certo que já no estudo, embora bastante ligeiro que efectuei sobre a obra de

Gil Vicente, me foi dado considerar que nela muito há que aprender, em virtude desse autor querer, por meio do Teatro, criticar para corrigir os costumes da sua época. Mas em todos os tempos, pelo que a História narra, o homem esforçou-se por representar aspectos da existência, muitas vezes trágicos. Foi a Grécia, porém, que nos legou primeiro e com maior exactidão pormenores de cena que, aliás, muito se modificaram até hoje.

Sem entrar na doutrina
(Conclui na 3.ª página)

Evolução do Teatro Vicentino

(Palavras introdutoras à Récita Vicentina levada a cabo pelo Núcleo de Teatro)

A obra de Gil Vicente, primeiro grande dramaturgo Português, pela sua temática e pela força da sua mensagem humanística, não se confinou ao século XVI.

Quatro séculos volvidos, ela continua a falar e a interessar aos homens.

Na evolução deste teatro temos a considerar 3 fases: — a 1.ª estende-se de 1502 a 1508; nela predominam as peças de inspiração religiosa e autos pastoris de acção dramática mediocre e na grande maioria das vezes reduzida ao mundo exterior.

Neste primeiro capítulo da produção vicentina são bem patentes as influências de Juan del Encina; nomeadamente na evocação dos temas bíblicos em ambientes místicos tendo como personagens pastores, que se exprimem em linguagem popular.

Na 2.ª fase; 1508, 1519 Mestre Gil introduz os temas patrióticos e os de crítica social. Estes últimos foram tratados com particular mestria e constituem um dos aspectos mais interessantes da sua obra.

Neste novo género dramático: — A Farsa, Gil Vicente seguiu de perto Torres Naharro, e terá sido também, possivelmente influenciado pela produção satírica Medieval.

Continua a recorrer aos temas religiosos que passam a surgir em função da sátira.

A acção destas peças enriquece-se de dramatismo e o diálogo ganha vida e naturalidade.

Na 3.ª fase, que se estende de 1521 a 1536, Gil Vicente, possuidor dum conhecimento vasto e profundo das várias camadas sociais, enceta a produção de fantasias alegóricas de grande espectáculo. Para tal introduz nas suas obras: a mitologia, o enredo novelesco, o conto dramatizado e a alegoria fantasista.

O diálogo torna-se mais fluido e gracioso e a crítica mais mordaz, com alusões a pessoas presentes às representações. Em suma, o autor define-se integralmente; o seu grau de expressividade e a posição crítica que adoptou, atingem a sua maior perfeição e comunicam às obras desta fase uma envolvimento de calor humano que contagia.

Para compreendermos e vivermos o teatro vicentino importa sobremaneira integrá-lo no complexo de circunstâncias Histórico—sociais que o determinaram, e que Gil Vicente tão dextramente soube dissecar e caricaturar, de modo a transmitir-nos uma panorâmica global, finalmente recortada da sociedade Portuguesa da 1.ª metade do século XVI, que a traços largos se apresentava assim:

A Administração pública e a Corte estavam infestadas
(Conclui na 3.ª página)

VICTOR HUGO O NAMORO

Nasceu em Besançon, no ano de 1802. Aos 15 anos era já laureado pela Academia de Toulouse. É-lhe atribuído o prémio de Poesia da Academia Francesa. Em 1822 recebe uma pensão do Rei e, entretanto, desposa Adile Fouquer de quem tem quatro filhos. Em 1827 toma a seu cargo a chefia do movimento literário designado «romantismo».

Os quinze anos que se seguem são um período de intensa actividade política. Em 1876 é eleito senador, depois de alguns anos na Assembleia Nacional. A actividade literária aliara a actividade política. Victor Hugo conhece, então, uma glória que poderá dizer-se única na História das Letras.

Em 1862 Victor Hugo escreve «Os Miseráveis» que, ainda nos nossos dias, não nos pode deixar indiferentes, tal o vigor e a humanidade que o escritor soube imprimir às suas personagens. De um estilo incisivo e claro, este grande romance é uma das mais belas peças da Literatura Francesa.

Morreu em 1885 e os seus funerais tiveram as honras de manifestação nacional, tal como já lhe sucedera ao festejar os oitenta anos.

CARLA.

Para ilustrar as palavras de «Carla», outra nossa colaboradora, «Maria», trouxe-nos alguns pensamentos do escritor que, apesar de muito conhecidos, talvez não o sejam de muitos alunos do nosso Liceu. Eis-los:

O Homem e a Mulher

—O homem é a mais elevada das criaturas, a mulher o mais sublime dos ideais. Deus fez para o homem um trono, para a mulher um altar; o trono exalta, o altar santifica.

—O homem é o cérebro, a mulher o coração. O cérebro produz a luz, o coração produz o amor. A luz fecunda, o amor ressuscita.

—O homem é o génio, a mulher é o anjo. O génio é imensurável, o anjo indefinível.

—A aspiração do homem é a suprema glória; a aspiração da mulher é a virtude excelsa. A glória promove a grandeza, a virtude a divindade.

—O homem tem a supremacia, a mulher a preferência. A supremacia significa a força, a preferência o direito.

—O homem é forte pela razão, a mulher é invencível pelas lágrimas. A razão convence, as lágrimas comovem.

—O homem é capaz de todos os heroísmos, a mulher de todos os martírios. O heroísmo nobilita, o martírio purifica.

—O homem é um código, a mulher é um evangelho. O código corrige, o evangelho aperfeiçoa,

—O homem é um templo, a mulher um sacrário. Diante do templo descobrimo-nos, diante do sacrário ajoelhamo-nos.

O homem é o oceano, a mulher o lago. O oceano tem a poesia que deslumbra, o lago a poesia que adorna.

—O homem é a águia que voa, a mulher é o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço, cantar é conquistar a alma.

—O homem tem um farol—a consciência, a mulher uma centelha—a esperança. O farol guia, a esperança salva.

—Enfim, o homem está colocado onde termina a Terra, a mulher onde começa o Céu.

Eis uma palavra que hoje se emprega com tanta frequência quanto irreflexão. Devia ser, não uma palavra mais no nosso vocabulário, mas um problema a meditar.

—Porque namoro?

—Talvez porque as minhas amigas o fazem; seria ridícula se não acompanhasse a maioria na sua «evolução»; além disso sujeitava-me a ficar solteira e nada mais horrível do que a vida de solteirona.

Serão estes os motivos por que nós, jovens, temos um namorado?

Antes de dar o primeiro passo no namoro, devemos consultar-nos sobre a nossa vocação, o que é bem difícil, apesar de geralmente nos convenceremos de que é o matrimónio a meta que Deus nos destina.

Na escolha do namorado há que pensar com sensatez.

A rapariga de hoje quase sempre pode fazer vida independente; ganha para si e, portanto, não necessita de protecção material. Uma jovem nestas condições tem mais probabilidades de acertar na escolha do marido que lhe convém. Pelo contrário, uma rapariga que não dispõe de situação económica razoável, aceita muitas vezes o primeiro que lhe aparece, sobretudo se prevê um melhoramento de circunstâncias.

Outras há que afirmam que «o amor é que é tudo», e não pensam se o namorado poderá ou não mais tarde manter o lar. É também muito poética a céle-

bre frase «amor e uma cabana», mas todas nós sabemos que não só de amor vive uma família. Há, pois, que encarar a realidade por muito que custe sair das ilusões.

Pondo agora de parte a questão material no casamento, passemos à questão psicológica que é, sem dúvida, muito mais importante.

—Que virtudes ou defeitos encontramos no nosso namorado?

Custa acreditar, mas não sabemos: não falta tempo para pensar em coisas tristes. Passamos com eles tardes inteiras nas ruas, cafés, bancos de jardins, e, no entanto, o verdadeiro significado do namoro é esquecido.

Não tratamos de investigar o que somos para aquele que amamos ou julgamos amar. Sim, porque o que une muitos namorados é puro egoísmo. Amar é dar-se, esquecer-se de si próprio para só pensar no ente amado, compreendê-lo e ajudá-lo quando mais o necessitar. É para toda uma vida a dois é absolutamente necessário este amor-doação, mais sacrifício que prazer.

Não faz parte do amor o domínio do homem sobre a namorada, noiva ou esposa. A mulher não é mais uma propriedade do homem. E tantas vezes ele exerce esse domínio a que se julga com direito, pensando apenas divertir-se e abandonando, quando saturado, a rapariga que vê cair por terra todas as suas esperanças. E assim ela se entrega ao desespero por não poder voltar a ser confiante na vida e nos homens.

O rapaz que namora com boas intenções não só não receia enfrentar os pais da futura esposa, como procura pô-los ao corrente do que se passa.

A rapariga, por seu lado, não deve ter segredos para os pais sobre o seu namoro. Sobretudo com a mãe que, como mulher, compreendê-la-á melhor e

(Conclui na 3.^a página)

(Conclui na 3.^a página)

O Aeroporto do Faial

Está em construção o Aeroporto do Faial, que tem sido desejado por todos os faialenses, principalmente pelos que se encontram espalhados pelo Continente Americano.

A obra, que será amanhã o orgulho do povo do Faial, tem exigido e exigirá ainda muito sacrifício e cansaiva,

pois a companhia encarregada da construção, a TECNIL, encontra-se a trabalhar nesta obra desde Maio de 1968, há já dois anos. Mas um grande trabalho está já realizado:—a pista no lado poente encontra-se pronta a ser alcatroada. O lado nascente ainda

(Conclui na 3.^a página)

EVOLUÇÃO do Teatro Vicentino

(Conclusão da 1.ª página)
de indivíduos corrompidos e sem carácter.

Os pequenos nobres, que entendiam ser indigno da sua condição trabalhar, empobreciam apesar da existência faustosa que levavam!

A dissolução dos costumes medrava a olhos vistos nas casas religiosas.

A ausência dos homens que partiam para as conquistas Ultramarinas, gerava a relaxação da família.

É esta sociedade, tipicamente feudal e em adiantado processo de degradação, que Gil Vicente escarpeliza; transportando para a sua obra indistintamente as três classes que a formavam: — clero, nobreza e povo.

No que respeita ao clero, debruça-se fundamentalmente sobre o «regular», cujos defeitos satiriza com acrimónia. Quanto ao «secular» age com mais parcimónia, não deixando todavia de referir: o mundanismo de Corte Pontificia, a buçalidade de alguns Clérigos, a não observância do celibato e a luta pelas distinções meramente temporais.

Mete a ridículo a posição que a nobreza assume desleixando a cultura, cultivando preconceitos sociais fúteis, e desleal; vivendo à custa dos plebeus.

Gil Vicente assumiu em relação ao povo uma posição relativamente protectora, não deixou todavia de lhe satirizar defeitos e tendências que são os comuns aos homens de todos os tempos: a ambição, a luxúria serôdia, as infidelidades matrimoniais, o lenocídio e a preguiça.

Mestre Gil passou ainda a pente fino as profissões liberais do seu tempo e desse modo dá-nos a conhecer; meirinhos, juizes corregedores, oficiais de Justiça e procuradores; ignorantes, venais e exploradores. Médicos incompeten-

tes, que faziam diagnósticos ridículos.

Intrinsecamente, o teatro Vicentino está enquadrado num sistema medieval; propõe-se a encaminhar o homem para Deus e satirico que é faz a apologia dos valores positivos servindo-se da caricatura daquilo que é negativo.

Não se propõe a apresentar conflitos psicológicos e deste modo não é um teatro de caracteres e contradições.

Os tipos sociais não encarnam caracteres individuais, mas antes pelo contrário personificam conceitos.

É um teatro aberto ao meio exterior; a ficção alegórica traduz a sua observação social.

O real e o fantástico combinam-se para totalizar uma faceta do mesmo conjunto.

* * *
Neste breve conspecto destacamos um aspecto religioso e um aspecto de crítica social.

Para Gil Vicente a morigeração de sociedade e o fim ultraterreno do Homem só podem conseguir-se dentro duma concepção Cristã do Mundo e da vida. O que na sociedade contraria esta concepção é negativo e consequentemente objecto da sátira Vicentina.

Os fragmentos de peças que se vão representar documentam estes 2 aspectos. O auto da alma é a afirmação do conceito Cristão da vida.

A cena do auto da «Lusitânia» satiriza o procedimento social não-cristão ou anti-cristão.

O quadro do auto da «Mofina Mendes» apresenta-nos os 2 planos da vida; o social, caracterizado aqui por uma ambiência pastoril e o sobrenatural entrevisto e sugerido na lição de Moral da última fala da «Mofina».

J. F. D.

Teatro e Educação

(Conclusão da 1.ª pág.ª)

das várias escolas, cujas características oferecem particularidades que as distinguem umas das outras a ponto de chegarem a contrastar, sempre dominou o desejo de enriquecer a cena em termos de atrair intensamente a atenção dos espectadores, permitindo-lhes por vezes esquecerem a sua vida e problemas: — assim, ali encontramos o silêncio que deve reinar na sala valorizado pela semi-obscuridade da mesma, a luminosidade do palco, a riqueza dos cenários e das indumentárias, etc. etc. Mas não se esqueça que a Arte reside fundamentalmente no artista que, para estar à altura do papel que lhe foi distribuído, deve encarnar a psicologia das personagens que representa.

O Aeroporto do Faial

(Conclusão da 2.ª página)

exige a intervenção de potentes tractores manejados por braços fortes de homens competentes.

Para que uma parte esteja pronta a ser alcatroada, foi necessária além da colaboração dos tractoristas, a dos condutores das camionetas que foram trazendo para lá areia e pedra da freguesia do Capelo. Para lá das obras referidas e mesmo antes delas foi necessário o trabalho despendido na construção de uma muralha no lado sul da pista, bem como a construção de vários aquedutos e pontes.

As melhores terras da ilha foram necessárias para a construção do aeroporto, muito trabalho se tem feito e também se fará ainda nesta grandiosa obra, e muito dinheiro gastou e vai gastar o Estado, mas estou convencido de que ela será a portadora do engrandecimento faialense.

Aguardemo-la!

OGIMA

(4.º Ano)

Quase se poderia admitir que a própria personalidade sofre modificações para dar ao público a ilusão de que se encontra perante quem o dramaturgo concebeu e o artista se propõe representar.

A função educativa do Teatro é incontestável, quer pela promoção que permite ao público, quer pelas óptimas conclusões que por vezes nos permite tirar. Há quem considere que o Teatro se destina apenas aos eleitos, aos que beneficiam já de certa iniciação, ou gozam de grande cultura em tal domínio. Esta hipótese será verdadeira se a obra de Arte se afastar do modelo comum e dos fins do Teatro.

Constituem estes apontamentos breve resumo do interesse que esta manifestação da Arte desperta em nós, e das causas desse mesmo interesse.

Ana Maria
7.º ANO

O Namoro

(Conclusão da 2.ª página)

há-de orientá-la para que trilhe o melhor caminho.

Infelizmente ainda há jovens que ocultam o seu namoro aos pais por falta de compreensão mútua. Esta circunstância deve-se sobretudo aos rapazes que, muitas vezes, fingindo amor que não sentem, fogem da responsabilidade que lhes cabe no namoro.

E nestes namoros fúteis, nestes «flirts» rebaixamos a nossa personalidade e perdemos um tempo precioso que podia ser empregado mas a NAMORAR.

MARIA

Concursos do «ARAUTO»

Para o concurso anunciado no último número do nosso jornal, foi apresentada nesta Redacção apenas uma quadra, pela aluna do 3.º Ano, Teresa Martinha da Silva, a quem é ofertado um exemplar do livro «O Mundo Maravilhoso dos Irmãos Grim».

A Beleza Faialense

Faial é campo de faias!
Anda o Faial a bailar.
Não é o vento das praias,
Que não o deixa parar.

Mas uma brisa suave,
Depois das rosas beijar,
Como gorjeio duma ave
Nas faias vem gorjear.

A Horta sempre se viu
Com rosas sempre a brincar:
Enfia-as todas nuni fio
E ao peito traz o colar.

Faias que cercam a Horta
De longe estão a acenar!
Risonhas, abrem a porta
A quem quizer pernoitar.

CATINFLAS

Infelicidades

Durante uma explicação
Resolveram manobrar
Dela seu bom coração
Começou a palpitar

Ele, entusiasmado
Teimou com muito calor:
Ela, só num gemidinho,
Vomitou-lhe seu amor.

Embora sendo platónico
Seu amor foi apanhado:
Ele ficou todo atómico
E ela passou mau bocado!

Houve risos e alaridos
Co' estas coisas divertidas
Mas cá, para os nossos si-
sos,
As < peias tavam torcidas >

TROCA-TINTAS

EM LOUVOR DO «ARAUTO»

Numa manhã de Outubro
la bonito o sol alto
Mas sobre a minha mesa
Já sorria o «Arauto»

São muito, muito bonitas
As páginas do jornal
Até encantam as meninas
Deste Liceu Nacional

Aí ó «Arauto», «Arauto»
Com histórias e piadinhas,
Tu não sabes a alegria
Que dás às tuas amiguinhas!

E nós todas reunidas
E sentadas ao sol alto,
Com uma grande alegria
Vamos lendo o nosso «Arau-
to».

DOMINGAS
(3.º Ano)

A Primavera

A Primavera chegou!
A mais bela estação,
Florindo radiosamente
Em cada novo
Ressurgir da vida!

As aves constroem seus ni-
nhos!

No pinheiral chilreiam
Os passarinhos!
As flores nascem
E ornem os campos!
Frescura! Renovação!
O ar torna-se leve,
Salutar e puro!
O astro-rei é fulcro
De todo o ciclo da vida!
Depois de longo repouso
Volta a esperança dos belos
dias!

O céu torna-se mais azul,
As águas do mar
Refletem o germen da vida,
A Mãe Natureza
É pródiga em beleza!
É Primavera!
A alegria jorra na alma!
Benvinda sejas
Oh Bela Estação!

VIRNA

O SONHO

O sonho é a esperança
É o rebento que nasce
É o pensamento feliz
O cume dos nossos desejos
A que estendemos as mãos
Desejosas de o alcançar.

O sonho é forma imprevisível

Forma que em beleza
Se pode sobrepor à natureza
Fazendo-a corar cheia de
inveja!

Sonho é sorriso nos lábios,
Uma esperança formulada.
É a própria consciência
Do que julgamos atingir.

Sonhamos quando temos
esperança
E sem a termos sonhamos
também!

T. M. S.
(3.º Ano)

Aos Leitores:

Não será por demais lembrar que este jornal é de estudantes para estudantes. Por tal motivo publicam-se trabalhos desde os dos mais adiantados aos dos alunos mais atrasados, uns de maior valor, outros mais modestos.

Só estão fora do nosso acolhimento as «gralhas», como as do último número, do que pedimos desculpa aos nossos leitores e aos autores dos trabalhos.

VIDA A BORDO!

Vida sã,
Regalada!

* * *

—Pode trazer-me um café?
—Não quer antes este gravador?
Mar! Mar! Mar!
Peixes voadores aos cardumes!

* * *

—Por favor, a ementa do almoço.
—Tenho aqui relógios baratíssimos ..
Rádios, gira discos, canetas...
Mar! Mar! Mar!
Um barco ao longe! Música!

* * *

—Tem whisky?
—Tenho máquinas fotográficas...
Binóculos e gabardinas...
Mar . Mar .. Mar..
Vida bela, sem trabalho!

* * *

—Um maço de cigarros, por favor.
—Não deseja um acendedor a gás?

* * *

Dois dias! Quatro dias!
Exercícios de socorros a náufragos . .
Oito, nove dias! . . .
Mar.. Mar .. Mar...
Terra?!
Terra?!
. . . Enfim! . . .

Navegante
4.º ANC

Concurso de Quadras

Com o propósito de colaborar nos festejos do «Dia da Mãe», o nosso jornal promove novo concurso de quadras nos moldes do concurso anterior. Assim cada concorrente apresentará uma quadra única em que haja a expressão «AMOR DE MÃE», devendo os trabalhos concorrentes serem entregues na Redacção «Arauto» até ao dia 6 de Junho próximo a fim dos prémios atribuídos poderem ser distribuídos durante a sessão do dia 10 de Junho.

Neste último concurso do ano, serão premiadas as três melhores das quadras apresentadas.

Cosas de Mini-saias

—Mamã! Mamã! A Joana saiu vestida com a saia da boneca!

(Apresentado por OGIMA)

PIADAS DO TROCA-TINTAS

I

Hoje, em grande parada,
Com risadas e sorrisos,
Elas lêem «cobiadas»
E eles lêem «caprichos»

E há boato por aí
Que o 4.º Ano-A vai à frente:
Uma menina dali
Já está mesmo diferente.

II

Durante uma lição de Física é feita a seguinte pergunta:

—Um corpo mergulhado num líquido que sensação sofre?

O aluno:
—Sofre... sofre... Ah?
Já sei: sofre uma sensação de frescura.

TROCA-TINTAS

PENSAMENTO

QUADRA

Faz mal o filho que mente
A seus Pais, quando rapaz:
É já tarde quando sente
O mal que a si próprio faz!

DOMINGAS